

(RE)CONSTRUINDO A ÁFRICA: A ARGUMENTAÇÃO COMO FERRAMENTA NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO DECOLONIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Airton Roseno de Lima Filho¹

Milena Maíra Pereira Paiva²

Naomi Maria dos Santos Carneiro Leão³

Sylvia Regina De Chiaro Ribeiro Rodrigues⁴

Resumo: O presente artigo é fragmento do programa de residência pedagógica, e visa compreender a argumentação enquanto possibilidade de uma educação decolonial. A coleta de dados se deu em uma escola municipal da cidade do Recife - PE, com alunos(as) do 4º ano. A partir de uma atividade potencialmente argumentativa que, a princípio, procura analisar a concepção dos/as alunos/as sobre o continente africano para responder ao objetivo específico deste estudo, pode-se perceber como o discurso colonial e racista ainda está enraizado nos que frequentam diariamente nossas escolas. Esta pesquisa baseia-se e tem caráter exemplário da inclusão da Lei 10.639/2003 que aborda as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-raciais no ensino fundamental.

Palavras-chave: Argumentação. Estudos Decoloniais. Antirracismo na Educação.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é fruto das regências realizadas por residentes do núcleo de argumentação do Programa de Residência Pedagógica, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). No referido programa, semanalmente são realizadas regências que possuem atividades potencialmente argumentativas, em três escolas da Rede Pública de Ensino da cidade do Recife. Essas atividades têm como objetivo levar os alunos à refletirem de forma crítica-reflexiva e que, a partir da seleção/formação de argumentos e contra-argumentos possam resolver tais

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, airton_haddeskk@hotmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, frutapaiva@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, leaonaomi@gmail.com

⁴ Professora orientadora: Doutora, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, chiaro@hotmail.com.br

atividades. Durante as aulas, uma das temáticas abordada foi a África. Atividade sobre a qual recai o foco do presente para a realização deste artigo.

Fatores como perceber a escola, suas práticas, rituais, linguagens, lições, projetos político-pedagógicos dentre outros aspectos que compõe o cotidiano escolar, nos fazem refletir acerca do lugar das identidades ocupantes nesse espaço. Nessa perspectiva, apontamos a identidade negra que, historicamente, está colocada em posição de subalternidade social, ocasionada pela injúria racial no Brasil e no mundo - um dos (ou o) principais pilares da desigualdade social.

Numa tentativa de reparação histórica desse triste retrato social, as esferas governamentais responsáveis pela gerência do campo educacional, em 2003 sancionou a Lei 10.639/03 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Lei esta que prevê, nos currículos escolares, a inclusão do ensino das relações étnico-raciais. É importante ressaltar que, "uma educação antirracista não só proporciona o bem-estar do ser humano em geral, como também promove a construção saudável da cidadania e da democracia brasileira" (BRASIL, 2005, p.14). Compreender as proposições feitas acima e levar para o campo educacional se faz mais que necessário, sobretudo em contextos políticos autoritários.

A partir disso, o presente estudo carrega enquanto objetivo geral a tentativa de compreender a argumentação enquanto possibilidade de uma educação decolonial. Apoiando-se ainda em um objetivo específico que é identificar a possibilidade de existência de concepções colonizadas em relação ao continente Africano. Esta pesquisa contribui para o movimento de pensar abordagens e perspectivas decoloniais dentro da educação.

Sabendo que grande parte da população brasileira é negra, se faz necessário o debate sobre identidade racial. Essas aulas buscam apresentar amplas visões acerca da cultura afro brasileira, contada partir de conhecimentos prévios, promovendo a abertura de novas perspectivas. No decorrer das aulas buscamos desenvolver pensamentos que se distancie das visões deturpadas construídas ao longo dos anos, trazendo novas sensibilidades históricas. Esses elementos podem contribuir para a formação de professores e alunos, no sentido de agir efetivamente num viés que leva à Educação de um cunho antirracista à efetivação da Lei de Nº 10.639/2003, lei de inclusão do ensino das relações étnico-raciais.

2. METODOLOGIA

Este artigo é parte de uma das atividades aplicadas, sobre a África. A atividade, a princípio, procura analisar a concepção dos/as alunos/as sobre o continente africano para responder ao objetivo específico deste estudo. O planejamento aplicado foi subdividido em 3 (três) momentos:

1 - No primeiro momento buscamos sondar e incentivar os argumentos das crianças em grupo, trazendo diversas imagens de pontos turísticos do continente africano para que eles analisassem em grupos e falassem de onde eles achavam que eram os locais mostrados e a justificativa do porquê das suas falas.

2 - No segundo momento trouxemos as imagens novamente, entretanto desta vez destacando que elas ficavam em alguns países do continente africano, seguido de uma breve explicação dos locais e a amostra de diversos outros (criação do contra-argumento dos alunos) para obter uma nova resposta a cerca da África às crianças.

3 - No terceiro momento fizemos uma atividade a qual questionamos os grupos acerca de três locais os quais eles queriam morar e um outro não desejado, para analisar suas respostas perante o contra-argumento dado na etapa anterior.

Neste último momento buscamos ouvir a última etapa do argumento das crianças, a resposta para analisar se os mesmos haviam mudado suas percepções.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Argumentação

A argumentação é uma ação discursiva a partir da qual os pontos de vistas são discutidos para que as perspectivas dos agente discursivos sejam consideradas, assim é promovida uma negociação entre as partes que porventura resulta na possibilidade de construção de um potencial epistêmico, que é quando novos conhecimentos são gerados.

O ambiente escolar é um dos ambientes mais apropriados para a construção de novos conhecimentos, entretanto muitas vezes ele se torna um ambiente para punir e silenciar os alunos (MARQUES, 2011) e nesse âmbito os alunos podem passar a associar a escola ou a

forma de aprendizado tradicionalmente realizada no ambiente citado, a algo chato, ruim e/ou indesejável. É nessa perspectiva que se tem buscado trazer de forma mais evidente para a escola estratégias pedagógicas em que o discente possa se tornar um agente ativo em seu aprendizado, colaborando para que esse pensamento seja dissociado e o mesmo passe a perceber o ambiente escolar como algo prazeroso para construção do conhecimento (LEITÃO et all., 2016) Esse é o caso da argumentação, considerada por Leitão como uma ação privilegiada:

“A tese central proposta é que as propriedades semióticas que definem a argumentação lhe conferem um mecanismo inerente de aprendizagem que a institui como recurso privilegiado de mediação no processo de construção do conhecimento”

Estes processos argumentativos permitem aos alunos construir o conhecimento de uma maneira potencialmente diferente do que a escola comumente lhes oferece. Nesse processo os discentes são convidados a falarem seu ponto de vista em relação ao que conhecem sobre um tema proposto (conhecimento prévio e função discursiva) para que os estudantes possam conversar, refutar, defender, acrescentar naquilo que foi falado, criando assim um diálogo, uma reflexão sobre o lhes foi falado e assim transformando o discurso, conseqüentemente gerando a produção de novos saberes.

“Os movimentos discursivos de justificação de pontos de vista e resposta a perspectivas contrárias criam, no discurso, um processo de negociação no qual concepções a respeito do mundo são continuamente formuladas, revistas e, eventualmente, transformadas” (...)

É nesse processo argumentativo que buscamos introduzir a educação antirracista, supondo que a educação brasileira provém de uma base colonizadora, temos como consequência crianças replicando concepções hegemônicas através de seus argumentos. Na busca pela superação desse padrão de conhecimento e tentando estabelecer novas concepções, traremos uma ação argumentativa em sala de contra-argumento para que os estudantes comecem a repensar suas ações e conseqüentemente obtenham uma nova resposta.

O processo argumentativo dentro de sala de aula se categoriza 3 ações as quais os alunos devem tomar para realizarem o processo de argumentação: argumento, contra-argumento e resposta, é importante ressaltar que esses elementos também contribuem de forma específica

na implementação da atividade argumentativa (função discursiva), na revisão do conhecimento debatido (função psicológica) e na transformação do conhecimento (função epistêmica). (...)

Dentro dos elementos, o argumento é o ponto inicial, que consiste na exposição dos pontos de vista baseado nos conhecimentos prévios do locutor da ação.

Após o argumento se tem um outro elemento muito importante para o argumentação que é o *Contra-Argumento*, que é quando uma segunda ideia surge para contrapor a posição inicial, utilizando de recursos para tentar desencadear um processo reflexivo na prerrogativa primária, estes recursos podem tanto ser orais, como visuais, logo o contra-argumento é uma função psicológica. Essa ação é indispensável, pois através desta temos a possibilidade do argumentador repensar o que fora dito (função psicológica), tal como o citado poderá transformar o seu discurso (função epistêmica).

Por fim temos a *Resposta*, que é a reação do indivíduo perante a contraposição que lhe foi tomada, é nesse momento que o sujeito pode incorporar ou refutar, parcial ou completamente as concepções dadas. É nesse processo de argumento, contra-argumento e resposta que pode-se criar uma estratégia para a transformação e reconstrução do conhecimento dos alunos, A utilização da argumentação para abordar tanto temas transversais como curriculares pode ser uma grande ferramenta epistemológica para a educação.

3.2 Educação antirracista, decolonialidade e negritude na educação e sua relação com a argumentação

A cultura hegemônica nos inclina para a tendência de enxergar a nossa própria história a partir de uma raiz única através de mitos fundadores. Glissant (2005) nos indica que o objetivo do mito fundador significa a tentativa da legitimação universal da presença de uma comunidade única, de unidade universal, como se todos no mundo pertencessem a uma única raiz. Compreendendo que a cultura nacional do Brasil foi baseada no mito fundador, que legitima a democracia racial e descreve como se configura as relações raciais do Brasil através do mito da democracia racial.

Como nos alerta Glissant (2005) o mito fundador e o mito da consciência histórica nos aponta a enxergar a nossa história e costumes, assim como nossa identidade, associando a uma ideia homogênea que insiste em fazer acreditar numa perspectiva nacionalista única, conduzindo a conflitos étnicos, desigualdades e genocídios de culturas e epistemologias. Esses mitos impregnados nas nossas histórias e identidades, tem fins de fortalecer e deslegitimar uma identidade sobre a outra, uma cultura sobre a outra.

A Lei 10.639/2003 que aborda as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Etnicorraciais, nos dá respaldo suficiente para conseguir introduzir a discussão multicultural como um vetor de extrema potencialidade para conseguirmos enfim, descentralizarmos a hegemonia branca das nossas práticas pedagógicas e conseguirmos construir uma sala de aula onde a diferença seja respeitada. “É como se muita gente soubesse que o enfoque das diferenças tem o potencial de revolucionar a sala de aula e não quisesse que a revolução acontecesse.” hooks (2017 p. 193)

Um dos conceitos mais importantes no combate ao racismo brasileiro é entender como ele é estrutural na nossa sociedade, uma vez que é construído por relações de poder e opressão. Através disso, devemos construir estratégias que mudem as perspectivas/narrativas racistas, dentro da sala de aula com nossos alunos, isso significa agregar uma novas abordagens pedagógicas que não só permitam, mas estimulem a reflexão e o questionamento ao currículo. Não falar, também é falar. A neutralidade não existe. Porém, o trabalho não deve parar aí. É preciso que tomemos partido.

De acordo com Quijano (2005 p. 121) “como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento”, a partir das descolonização do saber poderemos incorporar e dar sentido a Educação das Relações Étnico- Raciais nas práticas curriculares, sendo construída com base no respeito às diferenças, na diminuição da desigualdade, criando condições para a construção de mentalidades antirracistas, e apontando para um processo de humanização da cultura e história da África, da população africana e de afrodescendentes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iremos analisar a fala das crianças conforme os seguintes marcadores:

Marcador de discurso Colonizado: Quando o argumento/resposta do discente representar um discurso genérico acerca do continente Africano e sua cultura, falas disseminadas pelo senso comum e/ou proferidas pela mídia.

Marcador de discurso Decolonial: Quando o argumento/resposta do discente representar uma nova representação do continente Africano e/ou de sua cultura que transcenda o que é disseminado pela mídia e/ou pelo senso comum.

Ao aplicarmos a primeira etapa do planejamento tínhamos como objetivo analisar o argumento das crianças, tanto como para sondar, na busca de falas que indicassem um discurso colonizado ou decolonial. Ao questioná-los acerca dos locais que estavam exibidos nas imagens tivemos uma grande diversidade de locais narrados, Brasil, América, Europa e Los Angeles foram os países exaltados, as justificativas se centravam em que os locais eram muito bonitos e ricos, apenas um dos grupos ficou em dúvida se uma das imagens poderia ser localizada no continente africano, entretanto, preferiram definir como Ásia. Neste momento podemos destacar um discurso colonizado, pois os alunos que ficaram em dúvida entre os países citados, descartaram a África por acreditarem que o país não sediar a beleza disposta na imagem.

A segunda etapa do planejamento se consagrava como o ápice da atividade que seria quando os alunos receberam um contra-argumento. Este apareceu através da exibição das imagens do primeiro momento com as suas respectivas localizações, e todos os países representados, se encontravam pertencentes ao continente Africano. Este foi o momento da surpresa, 95% dos alunos não esperavam que os belíssimos cartões postais fossem localizados no continente africano.

- Eu falei que era na África
- Eu tô chocado
- Eu nunca ia imaginar
- Tia, eu não sabia que tinha esses lugares bonitos na África não
- Eu pensava que a África só tinha fome, sede e areia
- Tem uma foto que parece que é nos estados unidos

É evidente o discurso colonizado nos alunos, visto que eles viam a África como um local estereotipado a fome, falta de água e pobreza e consequentemente sem nenhum tipo de riqueza, nesta etapa só foi possível identificar uma criança com o pensamento decolonial, aquela que conseguiu enxergar a África como um local de possíveis riquezas e prosperidade.

É importante destacar que as crianças não sabiam que o Egito munido de todas as suas colossais esfinges também ficava na África, o que acarretou muita curiosidade deles acerca das pirâmides e dos faraós no finalzinho desta etapa. Madagascar como outro ponto de conhecimento prévio dos alunos (provavelmente pelas animações realizadas pela DreamWorks) também foi outro ponto de surpresa para as crianças, por se tratar de um local muito bonito e estar localizado no continente africano, além do descobrimento do Baobá como uma árvore com grande representação étnica de ancestralidade divina.

Na terceira etapa buscamos analisar se após a aula, o pensamento colonizado ainda se mantinha forte e se um pensamento decolonial passava a surgir. Buscamos analisar as impressões dos alunos, como demonstra abaixo

“Eu descobri que a África não é um continente só com seca, pobreza e muito calor. A África é um continente muito rico tem comida, pista para carro, tem mercado, tem muita iluminação, tem rios, tem pontes.” (Aluno 1)

“Eu aprendi que as casas não eram de barro e os povos não era só pobre. Lá é muito lindo e bonito, a tia mostrou a imagem que parecia São Paulo mas não era. Era o Egito, muito bonito com várias coisas, carros, e muito mais. A África é muito linda e bonita lá também tem pirâmides, fim” (Aluno 2)

“Eu entendi que existe vários países dentro do continente africano. É um dos continentes mais bonitos, que têm uma natureza muito rica e bonita” (Aluno 3)

“Eu percebi que a África é muito rica lá não é só barro, lá tem casas de tijolos, lá também tem prédios, professores, alunos. Lá é muito lindo, tem o Egito, Madagascar, vários outros países. Lá pode brincar muito de várias coisas. Eu percebi muito que eles não são pobres o país deles não é pobre, porque eles dão valor ao país deles.” (Aluno 4)

Parte do discurso decolonial se concentrou muito ao fim da segunda atividade ao procurarem saber mais e mais sobre o referido continente. Na terceira atividade, esta que buscava alimentar a resposta das crianças para que argumentasse sobre uma África mais próspera, as escolhas dos países realizada pelos alunos ainda se mantinham muito eurocêntrica, tal como midiática, narrando o desejo de morar em locais como Paris (este teve uma adesão de 2 grupos), Japão, Londres e Estados Unidos. Apenas um grupo cogitou a possibilidade de seguir para o continente Africano, mas este não conseguia lembrar o nome da cidade a qual haviam visto na segunda atividade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados no presente estudo mostraram que as crianças se sentiram realizadas ao conhecer uma nova visão do continente Africano através da argumentação, pode-se observar que os discentes após a atividade em que as imagens surgiam como contra-argumento passaram a perceber o referido continente de outros olhos, tanto em um viés apelado pela curiosidade, tanto como no fascínio em saber que nem tudo se tratava de miséria e areia.

Por isso, a aula executada com o tema “A África que você não vê”, pretende criar a consciência que a África passou por um processo de desumanização social, pela disseminação de um imaginário social ruim atribuído a ela. Tendo suas terras e habitantes deturpados diante do discurso da mentalidade hegemônica branca, que é mantida enquanto padrão de humanidade. A nossa intenção foi trazer novas perspectivas de mundo e estimular com que os alunos percebam suas concepções iniciais sobre o continente, permitindo que no decorrer de outras aulas, consigamos esboçar outras visões sobre a África, assim como criar uma consciência decolonial.

Logo, fazer uma autocrítica e perceber que aprendemos e reproduzimos uma África apenas de dor, fome, miséria e doenças é importante, porém, o trabalho não deve parar aí. Com as estratégias argumentativas, pode-se ir além desse (pré)conceito e ampliar o conhecimento, trazendo reflexão e a desconstrução dessa visão racista que o ocidente criou do continente africano, como aconteceu por via da criação contra-argumento de forma psicológica nos alunos com didática utilizada em sala. É preciso que estejamos preparados para construir a argumentação em sala de aula, pois esta possui um grande potencial para a formulação

de novos conhecimentos, para que munidos disso possamos construir novas narrativas, estas que situem à África de maneira não só humanizada, mas política.

Referências Bibliográficas

BRASIL, MEC. **Educação anti-racista**: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília, 236 p. 2005

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. 176 p. (Coleção Cultura, v. 1)

GOVIER, T. (2010). **A practical Study of Argument**. Wadsworth: USA, 87-177. Maio de 2011. Traduzido ao português por Nancy Ramírez.

GUEVARA, Laura Clemencia Luiz. **Ensinar a argumentar : uma proposta de formação de professores para a inserção de práticas argumentativas na sala de aula**. Recife: O autor, 2015

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão - 2 ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MARQUES. Irani Maas. **O silenciamento na sala de aula, conceitos e representações de estudantes num contexto disciplinado**: In: Revista nº 3, p. 36, da Escola de Pais – Biguaçu – junho de 2011.

LEITÃO, S. **Processos de construção do conhecimento: a argumentação em foco**. **Proposições**, v.18, nº3(54) - set/dez, 2007.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - Buenos Aires Lugar - 2005